

CONVERGÊNCIAS E DISSONÂNCIAS NA LINGUÍSTICA APLICADA – CONFLITOS E TENSÕES

Por
Ricardo Jorge de Sousa CAVALCANTI¹

Introdução

Esta Resenha Crítica intenta tratar sobre alguns pontos abordados em dois dos capítulos do livro *Por uma linguística aplicada indisciplinar* (2006), cujo organizador, Luiz Paulo da Moita Lopes, é o responsável por compilar discussões de pesquisadores da Linguística Aplicada (LA), com o intuito de se perceber os conflitos e as tensões em meio à evolução dessa linha investigativa, tomando como base os estudos e as pesquisas dessa área linguística de conhecimento. Os capítulos aos quais me ateno para realização desta discussão são o I e o IV da obra em tela, cujas autorias são de Fabrício e de Rampton, respectivamente. Em ambos os capítulos, poderemos perceber uma retomada constante, quase circular, acerca das mudanças que são empreendidas no campo da LA e do seu espaço de atuação, tanto no âmbito linguístico quanto no social, para tratamento dos fenômenos permeados pela relação sujeito, história, língua e sociedade. Com efeito, o próprio organizador da obra em questão (2006) introduz o livro, de certa forma, abordando questões e fenômenos de investigação que eram postos desde o início da década de 60 do século XX – na Virada Linguística: da forma para o uso – para (re)situar o espaço ocupado pela LA; mesmo reconhecendo que essa área de investigação é muito fluida e, conseqüentemente, carece de constantes reflexões acerca das interferências sociais no que tange ao papel do investigador de língua(gem). Nesse sentido, espero contribuir ao tratar sobre alguns dos pontos que são abordados nos capítulos supramencionados, proporcionando outros olhares, ou olhares diferenciados, acerca da Linguística Aplicada.

A efemeridade do conhecimento

Há de se concordar que a sociedade hodierna está em crise, cujos conceitos, valores e crenças são retomados, reformulados e redirecionados em uma velocidade tipicamente semelhante ao do contexto em que estamos inseridos – mundo contemporâneo? Como

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas/UFAL; docente do IFAL.
Endereço eletrônico: richardcavalcanti@hotmail.com

consequência disso, a busca por uma identidade também é minada no campo acadêmico-científico, o que não poderia ser diferente, já que esta esfera de produção discursiva reflete e refrata os fenômenos sociais em voga.

Conceitos que, até algum tempo, pareciam antagônicos, na contemporaneidade, podem ser considerados como divergentes até certo ponto e, naturalmente, convergentes pelas aproximações suscitadas por meio de se estabelecer as dessemelhanças via semelhanças. É nesse contexto tenso e conflituoso que a Linguística Aplicada, área do conhecimento dos estudos de língua(gem), está inserida. Dentre seus principais objetivos, têm-se: o entendimento do lugar histórico de onde viemos, intencionando um debate com a tradição, não privilegiando as suas correspondências, para o entendimento desse fluxo contínuo na sociedade atual; além da compreensão de quais são as interferências para a realização de práticas investigativas em LA, parafraseando Fabrício (2006, p. 46).

A bem da verdade, a autora trata de que esse movimento pendular de necessidade de mudanças de paradigmas advém do século XVI, porém com maior presença nos dias de hoje; não obstante, obviamente, os gregos antigos com a sua visão holística acerca dos fenômenos pertinentes à Filosofia, à Poética e à Retórica.

Com efeito, a tão difundida *globalização* traz em vários campos de discussão uma visão amalgamada sobre determinados fenômenos, em nosso caso específico – os de língua(gem) –, cuja hibridização de saberes é aparente (e necessária) entre os estudos de língua(gem) e os entornos sociais. Assim, uma perspectiva mais ampla ao discursivo é evidenciada, uma vez que se leva em consideração a *língua*, no sentido *lato*, em uso; e, por isso, carente de uma busca constante, em que as explicações, mesmo que efêmeras, são ancoradas no social. Essa “trama movente”, nas palavras de Fabrício (2006), é o que caracteriza os dias de hoje, de modo especial, os estudos em LA. Desse modo,

Esses estudos abordam a linguagem conectada a um conjunto de relações em permanente flutuação, por entender que ela é inseparável das práticas sociais e discursivas que constroem, sustentam ou modificam as capacidades produtivas, cognitivas e desejantes dos atores sociais. (FABRÍCIO, 2006, p. 48)

É, diante disso, que essa perspectiva de estudos sobre práticas linguísticas situa o trabalho em LA por prismas inter e transdisciplinares. No entanto, há de se salientar que tal linha investigativa concorre, mesmo na própria LA, com estudos do denominado “núcleo duro”, que tomam a linguagem como objeto autônomo de análise. Como consequência disso,

a LA vem revisitando as suas bases epistemológicas para uma melhor compreensão do seu objeto de estudo, mesmo o considerando em seu hibridismo teórico-metodológico.

Como podemos perceber, a LA trata sobre o princípio ético do questionamento, visto que considera que toda e qualquer forma de congelamento, ao tempo em que gera norma, também gera desvio. Essa visão faz com que a fluidez do ponto de vista do conhecimento seja concebida; contudo, a demarcação desse “novo” tipo de conhecimento é encarada como uma retomada à tradição, nos dizeres de Fabrício (2006, p. 50-51). Assim, a *Análise Crítica do Discurso*, de origem anglo-saxônica, traz um determinismo explicativo, mesmo tomando como pontos-chave os aspectos advindos da Filosofia e da Sociologia, visto que parece ignorar os aspectos que escapam à ordem do discurso, do conhecimento consagrado e do social.

Nessa perspectiva, as pesquisas em LA permeiam estudos de gêneros, de etnia, de raça, de classe social, dentre outros; que tratam sobre aspectos presentes no meio social e carentes de investigação; com o propósito de melhor compreender, via atividade sócio-discursiva, as tensões e os conflitos tributários das relações de poder presentes nas práticas linguageiras. Fabrício para epistemologicamente filiar-se às suas práticas investigativas faz uma incursão nos pensamentos de Nietzsche, Foucault e Wittgenstein; em que as *teias de aranha* nietzschianas e os *regimes de verdade* foucaultianos são as representações dos territórios moventes articulados por nossas atividades linguísticas; além da ancoragem filosófica em Wittgenstein na difusão do seu Positivismo lógico na Virada Linguística, ou para aqueles que se afinam às denominações propostas pelos estudos pragmáticos, a também conhecida Virada Pragmática.

Tensões e conflitos no campo da Sociolinguística

Esta segunda parte da Resenha destinar-se-á a uma sucinta discussão sobre o Capítulo IV da obra em evidência, intitulado como *Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada* (2006, p.109), cuja autoria é de Ben Rampton.

A ênfase que será dada a esse capítulo diz respeito à Sociolinguística como campo de estudo da ciência Linguística nos encontros entre a tradição e a modernidade; para, enfim, dar-se o tratamento necessário à interface entre a modernidade e a pós-modernidade; ou, noutros termos tratados pelo autor, a *modernidade recente*. A situacionalidade no que tange à

Sociolinguística visa ao tratamento, *a posteriori*, dos processos de ensino de línguas, em especial de uma segunda língua (SL); ou, em outros dizeres, de uma língua estrangeira (LE).

Há de se reconhecer que os fenômenos investigados pela LA estão diretamente ligados à sociedade. Desse modo, a consolidação dos estudos em Sociologia está diretamente ligada à chamada fase da industrialização, iniciada no final do século XIX e com maior efervescência desde o início do século XX até os dias atuais, já com todo o aparato da era tecnológica. No entanto, a transição da tradição à modernidade é representada por esse marco histórico (da industrialização), o que, indubitavelmente, possibilita uma visão mais ampla acerca dos fenômenos ancorados na relação língua e sociedade.

Vê-se, por exemplo, que a década de 60 do século XX trouxe, a partir dos estudos de ordem pragmática, problematizações no campo da Sociolinguística com vistas à relação sujeito e escola; considerando, nesse viés, as questões inerentes à raça, à etnia, à classe social, dentre outros fatores sociais; com a perspectiva de compreender, em um nível mais profundo, as consideradas dicotomias (polarizações) que eram estabelecidas nos estudos linguísticos, sobretudo os de cunho formalista. Nesse sentido, extrapolo o texto com uma informação acerca de uma pesquisa desenvolvida pelo sociolinguista norte-americano William Labov sobre *personal narratives*, cujos sujeitos de sua pesquisa eram negros de subúrbios dos Estados Unidos. Esses estudos, à época, representaram a chamada modernidade porque visavam (e ainda visam) à captação da identidade, mas não às relações estabelecidas pela diferenciação social, ou seja, à análise da diferenciação pela homogeneização. Essa perspectiva de análise comunga diretamente com as teorias chomskianas (RAMPTON, 2006, p. 112-113).

O autor para tratar sobre a interface entre a modernidade e a pós-modernidade nos traz Zygmunt Bauman, teórico que aborda sobre a liquefação da solidez na *modernidade tardia*. Ao longo do seu esboço, convém extrair que, com o passar do tempo, a Sociologia teve deslocamentos necessários à sua evolução. Nesse tocante, os estudos mais recentes no âmbito sociolinguístico acrescentam que, mesmo dispondo de uma arena movediça de análise, precisa-se de um reforço epistemológico para a consolidação do método – de forma ética, empírica, cética e sistemática. Assim, os estudos em LA tomam tais discussões para desestabilizar as *comunidades* estabilizadas; ao tempo em que tomam o conhecimento socialmente elaborado, numa perspectiva dialética, para uma ancoragem em seus estudos. Nessa acepção, as correntes ligadas à Pragmática, surgidas a partir da década de 60 do século XX, a exemplo da Análise Crítica do Discurso, da Análise do Discurso de linha francesa, da

Análise da Conversação, da Linguística Textual, e da própria Linguística Aplicada, certamente impulsionaram os estudos cuja ordem do social florescesse em seu *status quo*, tornando-os mais profícuos.

Considerações

Obviamente, como tratei no início deste texto, as discussões suscitadas nos dois capítulos analisados são bastante provocativas; levando-nos a uma profusão de ideias acerca dos rumos dos estudos em língua(gem) na contemporaneidade, sobretudo em LA. O mais importante é perceber que mesmo diante dessas zonas de aproximação estabelecidas entre a Linguística Aplicada e outras correntes do social, no que tange à ordem teórico-metodológica, essa área do conhecimento linguístico proporciona uma incursão na desestabilização de conceitos, na ruptura de paradigmas, na isenção de polarizações. Todavia, isso se dá sem perder de vista que é, em meio a essa miscelânea discursiva, que é possível conhecer-se, por meio da imersão em outras áreas, para não se perder de vista o método e a empiria necessários à efetivação de uma pesquisa em quaisquer vertentes, em especial, no tocante às reflexões sobre o ensino de Segunda Língua (SL), de Língua Estrangeira (LE) e, ainda acrescento, de Língua Materna (LM). De fato, asseguro que os textos são leituras obrigatórias, e necessárias, aos estudiosos e curiosos do campo da língua(gem) no geral.

Referências

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 109-127.